

---

## DEAF REPUBLIC: POEMAS TRADUZIDOS

### DEAF REPUBLIC: *TRANSLATED POEMS*



Annie Dorothea Van Der MEER<sup>1\*</sup>  
Universidade Federal do Paraná  
Curitiba, Paraná, Brasil

**Resumo:** *Deaf Republic*, de 2019, é uma obra que desafia gêneros; os poemas sobre os moradores da cidade de Vasenka e sua resistência silenciosa à repressão tecem um épico moderno, teatral e distópico. Através deste trabalho, são traduzidos pela primeira vez poemas do autor Ilya Kaminsky para o português. Buscando representar o caráter completo da narrativa, mas trazer também trechos que se sustentam por si só, foram escolhidos os poemas de abertura e fechamento, além de poemas sobre os principais personagens de Vasenka. Além disso, foram selecionados tanto os temas de horror, estupor e culpa diante da brutalidade, quanto da estranha e contínua beleza das relações humanas, um difícil balanço alcançado com maestria no trabalho de Kaminsky.

**Palavras-chave:** Ilya Kaminsky. Tradução de poesia. Poesia contemporânea. Tradução literária. Gêneros híbridos.

**Abstract:** 2019's *Deaf Republic* is a genre-defying work; the poems about the residents of the city of Vasenka and their silent resistance to repression weave a modern, theatrical and dystopian epic. Through this work, poems by the author Ilya Kaminsky are translated into Portuguese for the first time. To represent the thorough character of the narrative, but also bring excerpts that sustain on their one, the opening and closing poems were chosen, as well as poems about Vasenka's main characters. In addition, themes of horror, stupor and guilt in the face of brutality, as well as the strange and continuous beauty of human relations were selected, a difficult balance achieved with mastery in Kaminsky's work.

**Keywords:** Ilya Kaminsky. Poetry translation. Contemporary poetry. Literary translation. Cross-genre.

**RECEBIDO EM:** 22 de setembro de 2019

**ACEITO EM:** 29 de janeiro de 2020

**PUBLICADO EM:** março 2020

---

Ilya Kaminsky nasceu em 1977 em Odessa, antiga União Soviética. Surdo desde os quatro anos de idade, desde 1993 vive nos Estados Unidos, onde conseguiu asilo político com sua família. É tradutor, editor e professor na Universidade de San Diego, onde vive, e cofundador do coletivo *Poets for Peace*. Sua primeira coletânea de poemas em inglês, *Dancing in Odessa*, foi publicada em 2004, e seus livros já foram traduzidos em mais de 20 línguas. Kaminsky tem sido reconhecido por crítica e público; é um dos ganhadores da Bolsa Guggenheim, e em 2019, com a publicação de *Deaf Republic*, foi finalista do National Book Award, além de ser incluído nas listas de melhores livros do ano do *New York Times*, *Washington Post*, *Times Literary Supplement*, *The Telegraph*, *Publishers Weekly*, *The Guardian*, *Lithub*, entre outros. Também foi selecionado pela BBC como “um dos 12 artistas que mudaram o mundo em 2019.”

Os poemas aqui selecionados fazem parte do livro *Deaf Republic*, de 2019, um épico moderno que mistura fábula, poesia e drama, tecendo a vida em uma cidade fictícia na qual os cidadãos, diante de intensa repressão militar, se tornam surdos como forma de resistência, desenvolvendo secretamente uma língua de sinais contra as autoridades. Sendo uma obra muito particular, foram escolhidos poemas que, embora façam parte de uma narrativa maior, também funcionam separadamente. Estão presentes os poemas que abrem e fecham o livro (respectivamente o primeiro e último poema desta seleção), além de um poema sobre cada um dos personagens principais. A seleção também buscou reunir tanto os temas de horror e violência da obra, quanto sua valente insistência na permanência da humanidade.

358

**Vivemos felizes durante a Guerra**

E quando jogaram bombas nas casas dos outros, nós

protestamos  
mas não o bastante, nos opomos mas não

o bastante. Eu estava  
em minha cama, ao redor da cama a  
América

caía: casa invisível por casa invisível por  
casa invisível.

Puxei uma cadeira pra fora e assisti o sol.

**We Lived Happily During the War**

And when they bombed other people's  
houses, we

protested  
but not enough, we opposed them but not

enough. I was  
in my bed, around my bed America

was falling: invisible house by invisible  
house by invisible house.

I took a chair outside and watched the  
sun.

---

No sexto mês,  
do desastroso reinado na casa do dinheiro  
  
na rua do dinheiro na cidade do dinheiro  
no país do dinheiro,  
nosso grande país do dinheiro, nós (nos  
perdoe)  
  
vivemos felizes durante a guerra.

### **Elogio**

*Você tem que falar não só da grande  
devastação—*

ouvimos isso não de um filósofo  
mas de nosso vizinho, Alfonso—

de olhos fechados, ele escalou as  
varandas dos outros e declamou  
à sua filha nosso Hino Nacional:

*Você tem que falar não só da grande  
devastação—*  
quando sua filha chorou, ele

lhe fez um chapéu de jornal e espremeu  
seu silêncio  
como duas pregas de um acordeão:

*Nós temos que falar não só da grande  
devastação—*  
e ele tocou aquele acordeão desafinado  
em um país

onde o único instrumento musical é a  
porta.

### **Enquanto a criança dorme, Sonya se despe**

Ela me esfrega até que cuspo  
água ensaboada  
“Porco”, ela sorri—

In the sixth month  
of a disastrous reign in the house of  
money  
  
in the street of money in the city of  
money in the country of money,  
our great country of money, we (forgive  
us)  
  
lived happily during the war.

### **Eulogy**

*You must speak not only of great  
devastation—*

we heard that not from a philosopher  
but from our neighbor, Alfonso—

his eyes closed, he climbed other people’s  
porches and recited  
to his child our National Anthem:

*You must speak not only of great  
devastation—*  
when his child cried, he

made her a newspaper hat and squeezed  
his silence  
like two pleats of an accordion:

*We must speak not only of great  
devastation—*  
and he played that accordion out of tune  
in a country

where the only musical instrument is the  
door.

### **While the child sleeps, Sonya undresses**

She scrubs me until I spit  
soapy water.  
“Pig,” she smiles—

“Um homem deve cheirar melhor que  
seu país—”  
tal é o silêncio  
de uma mulher que fala contra o silêncio,  
sabendo

silêncio é o que nos move a falar—  
Ela lança meus sapatos  
E óculos no ar,

“Eu sou de povo surdo  
e não tenho  
país além de uma banheira e um bebê e  
uma cama de casal!”

Ensaboar juntos — isso  
é sagrado para nós.  
Lavar os ombros um do outro.

Você pode foder  
qualquer um— mas com quem pode  
sentar  
na água?

### Brinde de Galya

À sua voz, uma misteriosa virtude,  
aos vinte e seis ossos de um pé, as quatro  
dimensões de respirar

ao pinheiro, sequoia, samambaia, menta,  
ao jacinto e lírios azuis,

ao jumento do maquinista em uma corda,  
ao cheiro de limões, um menino mijando  
esplendidamente contra as árvores.

Abençoe cada coisa na terra até que  
adoeça,  
até que cada coração insubmisso admita:  
*Eu me confundi*

*contudo amei—e o que amei  
esqueci, e o que esqueci trouxe glória a  
minhas viagens,*

“A man should smell better than his  
country—”  
such is the silence  
of a woman who speaks against silence,  
knowing

silence is what moves us to speak—  
She throws my shoes  
and glasses in the air,

“I am of deaf people  
and I have  
no country but a bathtub & an infant & a  
marriage bed!”

Soaping together—that  
is sacred to us.  
Washing each other’s shoulders.

You can fuck  
anyone—but with whom can you sit  
in water?

### Galya’s toast

To your voice, a mysterious virtue,  
to the twenty-six bones of one foot, the  
four dimensions of breathing,

to pine, redwood, sword fern, peppermint,  
to hyacinth and bluebell lily,

to the train conductor’s donkey on a rope,  
to the smell of lemons, a boy pissing  
splendidly against the trees.

Bless each thing on earth until it sickens,  
until each ungovernable heart admits: *I  
confused myself*

*and yet I loved—and what I loved  
I forgot, what I forgot brought glory to  
my travels,*

---

*a ti viajei tão perto quanto ousei, Senhor.*    *to you I travelled as close as I dared,*  
*Lord.*

**Em um tempo de paz**

Habitante da terra há quarenta e poucos  
anos  
Uma vez me encontrei em um país em  
paz. Assisto vizinhos abrirem

seus celulares para assistir  
um policial exigindo a carteira de  
motorista de um homem. Quando um  
homem pega sua carteira, o policial  
atira. Dentro da janela do carro. Atira.

É um país em paz.

Embolsamos nossos celulares e vamos.  
Ao dentista,  
buscar as crianças na escola,  
comprar xampu  
e manjericão.

Nosso é um país onde um menino  
baleado pela polícia jaz na calçada por  
horas.

Vemos em sua boca aberta  
a nudez  
de toda a nação.

Nós assistimos. Assistimos  
outros assistirem.

O corpo do menino jaz na calçada  
exatamente como o corpo de um menino-

É um país em paz.

E que aparas os corpos de seus cidadãos  
sem esforço, da forma que a mulher do  
Presidente aparas suas unhas dos pés.

Todos nós

**In a time of peace**

Inhabitant of earth for fortysomething  
years  
I once found myself in a peaceful  
country. I watch neighbors open

their phones to watch  
a cop demanding a man's driver's license.  
When a man reaches for his wallet, the  
cop  
shoots. Into the car window. Shoots.

It is a peaceful country.

We pocket our phones and go.  
To the dentist,  
to pick up the kids from school,  
to buy shampoo  
and basil.

Ours is a country in which a boy shot by  
police lies on the pavement for hours.

We see in his open mouth  
the nakedness  
of the whole nation.

We watch. Watch  
others watch.

The body of a boy lies on the pavement  
exactly like the body of a boy—

It is a peaceful country.

And it clips our citizens' bodies  
effortlessly, the way the President's wife  
trims her toenails.

All of us

---

ainda temos o trabalho duro das consultas  
ao dentista,  
de lembrar de fazer  
uma salada de verão: manjeriço,  
tomates, é uma alegria, tomates, ponha  
um pouco de sal.

still have to do the hard work of dentist  
appointments,  
of remembering to make  
a summer salad: basil, tomatoes, it is a  
joy, tomatoes, add a little salt.

Este é um tempo de paz.

This is a time of peace.

Eu não ouço tiros,  
mas assisto pássaros espirrarem nos  
quintais dos subúrbios. Como brilha o céu  
enquanto a avenida gira em seus eixos.  
Como brilha o céu (me perdoe) como  
brilha.

I do not hear gunshots,  
but watch birds splash over the back  
yards of the suburbs. How bright is the  
sky  
as the avenue spins on its axis.  
How bright is the sky (forgive me) how  
bright.

## REFERÊNCIAS

362

ILYA KAMINSKY. **About**. Disponível em: <https://www.ilyakaminsky.com/about> Acesso em: 15 set. 2019.

KAMINSKY, Ilya. **Deaf Republic**. New York: Graywolf Press, 2019.

YOUNG, Kevin. From “Deaf Republic” **The New Yorker**, New York, 11 fev. 2019. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2019/02/18/deaf-republic> Acesso em: 30 jul. 2019.

---

<sup>i\*</sup> Annie Dorothea van der MEER – Graduanda em Letras Português e Inglês na Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas. Curitiba, Paraná, Brasil.  
Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/5641966722723862>  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2656-5520>  
E-mail: [annie42m@gmail.com](mailto:annie42m@gmail.com)